

DUAS DE LETRA - GRUPO DE LEITORES DA BIBLIOTECA

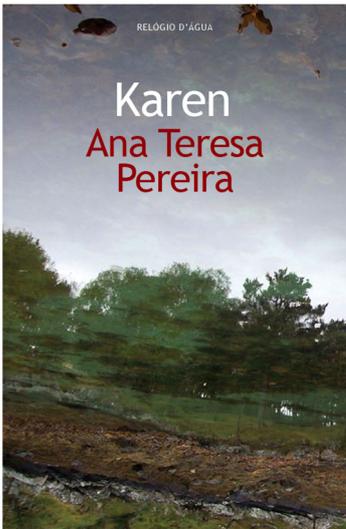
FACULDADE DE PSICOLOGIA | INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FEVEREIRO 2018

GUIA DE LEITURA

KAREN – ANA TERESA PEREIRA



**Biografia:** Ana Teresa Pereira nasceu em 1958 no Funchal, onde vive. Publicou o primeiro livro em 1989, *Matar a Imagem*, com o qual ganhou o Prémio Caminho Policial. Desde então que tem vindo a publicar regularmente. Em 2005, a obra *Se nos encontrarmos de novo* foi galardoada com o prémio literário atribuído pelo P.E.N. Clube português na categoria Ficção, e, em 2006, venceu o Prémio Literário Edmundo Bettencourt, instituído pela Câmara Municipal do Funchal, com a obra *A Neve*. O mesmo prémio, voltou a receber em 2010 com *A Outra*. Em 2007, a obra *A Neve* voltou a ser distinguida com o Prémio Máxima de Literatura. Recebeu ainda, em 2012, o Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores

com a obra *O Lago* e, em 2017, o Prémio Oceanos com a obra *Karen*. Colaborou com os jornais Público e Diário de Notícias (Funchal) e com as revistas *Isleña* e *Margem 2* (ambas do Funchal).

«De todas as estirpes de escritores que a exegese tente engendrar, talvez esta pertença à dos criadores de atmosferas. Ana Teresa Pereira forma geografias humanas e físicas com uma capacidade que apenas não é anestésica pela ação vigilante do estilo, que se mantém numa neutralidade quase obsessiva.» | Hugo Pinto Santos, Ípsilon.

«Nos últimos dezoito anos, Ana Teresa Pereira construiu uma das obras mais coerentes e sólidas da ficção nacional. De facto, sem que quase déssemos por isso, os mais de vinte romances que publicou, oscilando entre os fairy tales, o fantástico, o policial e o western, não necessariamente por esta ordem, fizeram do seu nome uma referência incontornável.» Eduardo Pitta, Público.

**Sinopse de *Karen*:** «"Le Notti Bianche" passava-se numa ponte: Maria Schell esperava o amante que partira há um ano, Marcello Mastroianni apaixonava-se por ela, e havia música, não sei de onde vinha a música, talvez de um bar ou de uma esplanada próxima; lembro-me de um barco no canal, e dos sinos a tocarem, e do momento em que começava a nevar, e da rapariga a deixar cair o casaco que tinha sobre os ombros e a correr para os braços de um dos homens. Black Narcissus: Deborah Kerr vestida de freira, e o inesperado dos seus cabelos ruivos quando recordava, porque aquele lugar fazia recordar coisas; Kathleen Byron a tocar o sino do mosteiro na beira do precipício e a pintar os lábios na sua cela, a voltar de madrugada com um vestido vermelho e o cabelo molhado; e depois a luta final entre a jovem com o hábito branco e a jovem com o vestido vermelho, as nuvens lá em baixo, o mosteiro erguia-se acima das nuvens. Em tempos pensava que todas as histórias eram uma só, a luta entre o anjo bom e o anjo caído, e sempre à beira de um abismo.»

## **EU NÃO SOU EU NEM SOU A OUTRA (entrevista a Hugo Pinto Santos in *Ípsilon*, 27/02/17)**

Levar longe de mais a dúvida. Deixar que a possibilidade de ser o outro se instale com o seu exército do medo, coberto de nevoeiro e distância. Um romance que luta com as suas criaturas, encurralando-as junto ao abismo.

A temática do duplo tem sido uma das mais presentes na escrita de Ana Teresa Pereira. Aquele que é inquietantemente próximo, mesmo sendo (ou sobretudo por ser) o fantasmático outro, é um veio que tem sulcado muitos dos seus livros. A título de exemplo, refiram-se apenas três exemplos recentes: *O Lago* (Relógio D'Água, 2010), *A Outra* (Relógio D'Água, 2010), *A Pantera* (Relógio D'Água, 2011). Em muitos pontos destes lugares escritos se poderia adoptar como estribilho certo passo de *A Pantera*: “a história tinha algo de circular, como se os dois se encontrassem presos numa jaula”. Actrizes que se convertem em personagens, numa fusão de prática ficcional e encarnação teatral (*O Lago*), ou escritoras que refazem o caminho de forma inversa, criando no corpo performativo a personagem da sua escrita (*A Pantera*), ou o espectro condutor de um ponto de vista que recria na pauta da alteridade (*A Outra*) todos se confinam à sua jaula. A jaula de serem prisioneiros de uma compulsão, um desejo nunca saciável, porque sem fonte. A necessidade de encontrar na própria busca a sua presa.

Também no seu mais recente livro, *Karen*, Ana Teresa Pereira tematiza a ideia de um outro/uma outra, levando até aos limites do concebível, do exprimível, a tensão que faz cruzar os corpos e as mentes com os seus pares, lá onde se tocam como tecido sobre pele. Uma luz a travessar uma cortina. Algo assim que pareça real, mas seja, no fundo, a dúvida de toda a irrealidade. A trama de *Karen* lembra *Rebecca*, o romance de Daphne du Maurier, e a película homónima de Hitchcock inspirada no livro. A chegada da personagem feminina à moradia antes ocupada por uma outra mulher (ou a mesma?), o misterioso viúvo, a governanta da casa, o ambiente de mistério que cerca e nubla os passos de todos estes seres são condicionalismos e estimulantes na leitura deste romance.

Também essa possível coexistência, entre um livro e um filme, permite entender afinidades com o universo ficcional e com procedimentos e técnicas caros à sua novelística. A cinefilia é uma das marcas estilísticas da ficção de Ana Teresa Pereira. *Karen* começa com uma reflexão em torno de *Noites Brancas*, de Luchino Visconti. Por outro lado, Daphne du Maurier é a destinatária da dedicatória com que abre *O Verão Selvagem dos Teus Olhos* (Relógio D'Água, 2008). Numa entrevista em tempos concedida a Maria Leonor Nunes, afirmava Ana Teresa Pereira: “Há pouco tempo reli *Rebecca*, de Daphne du Maurier, e tive, mais uma vez, a impressão de voltar a um lugar que conheço muito bem: a alameda de rododendros, o quarto fechado onde alguém muda as flores das jarras todos os dias, a enseada com a casa de barcos. Acontece o mesmo com alguns dos meus contos. Há lugares que já existem dentro de nós, Gaston Bachelard escreveu sobre isso, nós subimos sempre a escada que leva ao sótão, descemos sempre a escada que leva à cave, o quarto no fundo do corredor tem sempre três degraus...” (Jornal de Letras, Artes e Ideias, n.º 988, 2008).

Nesta breve reminiscência, quase uma auto-análise, a escritora retrata uma parte importante da sua produção escrita: essa espécie de hiper-realidade que consiste em abdicar da precisão nas fronteiras entre o ficcionado e o vivenciado, a repetição de cenários, o sortilégio que se queda no pormenor (mesmo em aspectos como os muitas vezes revisitados nomes próprios), o fatalismo de seres que são, como se lê na epígrafe de *A Noite mais Escura da Alma* (Caminho, 1997), “a presa dos anjos”. Um excesso de realidade que é, paradoxalmente, um excesso de ficcionalidade. Existe uma tal confiança, uma entrega tão completa à ficção, que o próprio texto do romance explicita esse estado suspenso entre duas margens mal separadas, e apenas por um escasso fio de água. “Porque viera para tão longe? Um comboio qualquer e a última estação. A história de sempre.” (p.25) Quando a protagonista de *Karen* chega à casa em Northumberland que será lugar fulcral do romance, logo compara a governanta com uma atriz. Quando ainda caminhava pelas ruas de Londres (um tropismo essencial dos romances de Ana Teresa Pereira), a personagem sente-se como se estivesse no cenário de um estúdio, numa “realidade” fílmica. A cascata que, na sua obsessão (memória de um livro marcante da infância, outro traço relevante), a protagonista quer a todo o custo atravessar, parece simbolizar a possibilidade de levar a cabo essa brevíssima passagem entre o fingimento e a verdade. E vale como um emblema para a ficção da autora. Qualquer uma destas criaturas, nos romances de Ana Teresa Pereira, podia afirmar como uma personagem de *A Linguagem dos Pássaros* (Relógio D’Água, 2001): “Eu tenho alma de Stalker. Tenho de procurar, procurar sempre.”

O conflito entre identificação e dissemelhança, vivido pela protagonista em relação a uma desaparecida Karen, integra-se numa construção engenhosa, que corresponde à totalidade do romance. Tais movimentos de aproximação e afastamento marcam os ritmos do romance, até àqueles momentos em que a dúvida é maior, e tudo se torna imponderável: “Surpreendia-me sempre a forma como ela falava de Karen, embora fingisse estar a falar de mim.” (p.46) O irresolúvel que toma conta destas vidas não chega a aplacar-se: a dúvida, a tensão e o medo, pelo contrário, mantêm a sua garra fechada sobre as personagens. Sobre nós. Como leitores, sabemos tanto como os seres destas narrativas. Também precisamos de continuar a procurar.